

**FACULDADE SÃO JUDAS TADEU
CURSO DE PEDAGOGIA**

FABIANE FRANCISCO DA FONSECA

**MORDIDA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA SAIA JUSTA PARA OS
EDUCADORES.**

**Rio de Janeiro
2016.1**

**FACULDADE SÃO JUDAS TADEU
CURSO DE PEDAGOGIA**

FABIANE FRANCISCO DA FONSECA

**MORDIDA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA SAIA JUSTA PARA OS
EDUCADORES.**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso à Faculdade São Judas Tadeu como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação da professora Cristiane Bomfim Cruz do Nascimento.

**Rio de Janeiro
2016.1**

TERMO DE APROVAÇÃO

FABIANE FRANCISCO DA FONSECA

**MORDIDA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA SAIA JUSTA PARA OS
EDUCADORES.**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso à Faculdade São Judas Tadeu como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, aprovado pela seguinte banca examinadora:

Orientadora Professora Mestre Cristiane Bomfim Cruz do Nascimento
Faculdade São Judas Tadeu

Professora Mestre Ana Cecília Machado Dias
Faculdade São Judas Tadeu

Professora Especialista Márcia Regina Fernandes Ribeiro
Faculdade São Judas Tadeu

Rio de Janeiro, 22 de Junho de 2016.

RESUMO

Este Trabalho propõe uma reflexão focada na Educação Infantil de forma a acrescer estudos que possam ser relevantes no processo educar e cuidar, buscando investigar as causas e consequências de tantas mordidas acontecerem na Educação Infantil, principalmente nos grupamentos de 0 a 3 anos de idade, e como lidar com elas. O objetivo deste trabalho é refletir sobre o desenvolvimento infantil na perspectiva sócio-histórica, definindo o lugar da mordida neste contexto e apontando possíveis caminhos para lidar com esta situação. O método de pesquisa utilizado foi o bibliográfico, apoiado em revistas científicas e textos acadêmicos correlatos, numa relação direta com situações do cotidiano infantil. O primeiro tópico aborda um breve histórico da Educação Infantil e do educar/cuidar como proposta pedagógica para esta etapa do ensino, o segundo tópico trata o desenvolvimento infantil numa perspectiva sociointeracionista. O terceiro tópico considera a mordida como expressão infantil. Como eixo teórico para esta pesquisa optamos por utilizar Lev Vygotsky e Henri Wallon, assim como autores que abordam o tema da criança pequena e suas peculiaridades, dentro da mesma perspectiva.

Palavras-chave: Educar. Cuidar. Mordida. Educação Infantil.

ABSTRACT

This paper proposes a reflection focused on Early Childhood Education in order to enhance studies that may be relevant in the process educate and take care, seeking to investigate cause and consequence that happen so many bites in Early Childhood Education, especially in clusters of 0 to 3 years of age, and how to deal with them. The objective of this study is to reflect on the child's development from the perspective of socio-historical, defining the place of the bite in this context and pointing out possible ways to deal with this situation. The research method used was the literature, supported by scientific journals and academic texts, related in a direct relationship with everyday situations. The first discusses a brief history of early childhood education and educate/caring as pedagogical proposal for this stage of education, the second topic deals with child development in a sociointeracionista. The third topic considers the bite as an expression. As theoretical axis for this research, we chose to use Lev Vygotsky and Henri Wallon as well as authors that address the issue of small child and their peculiarities, within the same perspective.

Keywords: To educate. Take care. Bite. Child education.

INTRODUÇÃO

Cena 1:

As crianças do Berçário II (1 a 2 anos) estão no momento de atividade livre com vários brinquedos espalhados pela sala, de repente, Bruna e Alex começam uma disputa pelo mesmo brinquedo, Alex tentando tomar da Bruna que resiste e eis que, em uma ação muito rápida, Alex tasca uma mordida bem na bochecha da menina.

Quando a Professora vai pegar a menina e olha o seu rosto, toma um grande susto, pois a menina está com uma marca horrível na bochecha, para desespero de todos. Como falar para este responsável sobre o episódio? Qual será a reação deles?

Cenas como esta são muito comuns nos ambientes da Educação Infantil, principalmente nas turmas com crianças entre 0 e 3 anos. Esta cena, especificamente, foi uma das responsáveis pela motivação para este trabalho. Atuo numa Instituição de Ensino como Agente de Educação Infantil, na rede municipal do Rio de Janeiro, localizada na Zona Norte. As crianças atendidas no espaço são provenientes de famílias com baixo poder aquisitivo e permanecem na creche durante o período de nove horas diárias. Apesar de pertencerem a classes menos privilegiadas, são atendidas de forma igualitária e são consideradas como seres atuantes e cheios de significado em nossa instituição.

A carga horária é composta por atividades diversificadas, que garantem às crianças momentos calmos intercalados por momentos mais ativos. Esses momentos são facilitadores, pois permitem a viabilidade de atividades que proporcionem à criança a intervenção de um complexo de Professores e Agentes, que contribuirão para o seu desenvolvimento respeitando a integralidade do cuidar e do educar, eixo condutor do trabalho pedagógico na Educação Infantil, em sua atuação direta com a criança.

Ao analisar a prática pedagógica na creche onde atuo, percebi que é preciso ter um olhar observador para entender o significado da atitude da mordida entre os pequenos. Sendo vital um posicionamento de análise que considere cada caso como único, já que cada ação de mordida costuma estar associada a um sentimento diferenciado: raiva, ansiedade, contrariedade, ciúmes, busca de atenção ou pelo simples fato das crianças não saberem demonstrar emoções com palavras.

Apesar de comum, a fase da mordida sempre causa muita confusão, sendo um assunto delicado para pais e educadores. Os pais da criança que mordeu se sentem constrangidos e culpados, enquanto a família da criança que foi mordida se sente agredida e questiona os cuidados que o filho está recebendo no ambiente escolar.

Cena 2:

Em casa, mãe lê bilhete na agenda da filha de 1 ano:
*“Mamãe, hoje na disputa por um brinquedo uma outra criança mordeu a mão da Leticia, colocamos gelo. Lamentamos o ocorrido.
 Atenciosamente...”*

Imediatamente, a mãe corre para verificar a mãozinha da filha e percebe marquinhas de dentes, que confirmam uma mordida forte. O pai, que está na sala e acompanha a situação, fica muito nervoso e esbraveja:

“- Qual o nome da criança que mordeu ela? Vou morder ela também!!!!”

Por também ser professora, a mãe com muita calma, conversa com o marido e consegue acalmá-lo.

Ainda que cômica esta é uma situação que precisa ser levada a sério, e nos instiga um questionamento constante sobre até que ponto a mordida pode ser considerada normal.

Os educadores precisam esclarecer e saber como agir na situação, já que os responsáveis da criança mordida não entendem que nem sempre a mordida é sinal de agressividade e o tema acaba se constituindo em um problema para a instituição de Educação Infantil.

Tendo em vista estes conflitos, o tema acabou despertando a curiosidade em investigá-lo, contribuindo para aprofundar os conhecimentos enquanto profissional da área de Educação Infantil e para conscientização dos responsáveis e da comunidade escolar sobre os motivos que levam as crianças a morderem.

Sendo assim, o presente trabalho propõe-se a investigar como o educador pode lidar com a mordida no cotidiano da creche? A pesquisa bibliográfica, apoiada em livros e em textos acadêmicos publicados, será utilizada para analisar alguns acontecimentos colhidos da minha prática em sala de aula com crianças de 0 a 3 anos, buscando o diálogo com os teóricos da infância, a fim de colaborar com os estudos já existentes e aproximar a teoria da prática. Importante ressaltar que os nomes utilizados nos casos apresentados são fictícios, com o objetivo de preservar a identidade dos envolvidos.

Esta proposta realiza-se mediante o anseio em compreender melhor esta atitude entre os pequenos, buscando alternativas que proporcionem à criança a oportunidade de lidar com situações do cotidiano, propiciando-lhe formas de gerir melhor suas emoções. Temos como hipótese que quando as mordidas acontecem é importante a mediação do adulto mostrando a criança, através do dialogo, que há outras formas de se expressar ou conseguir o que deseja.

Para tanto, os objetivos deste trabalho consistem em refletir sobre o desenvolvimento infantil na perspectiva sócio-histórica, definindo o lugar da mordida neste contexto; contextualizar o espaço da Educação Infantil; relacionar a mordida e o desenvolvimento

infantil e ressaltar a importância de um olhar atento do educador ao sujeito que está sob seus cuidados.

Durante esta pesquisa o estudo foi pautado em uma breve reflexão sobre o desenvolvimento infantil, considerando a obra de Henri Wallon e Lev Vygotsky, assim como outros autores que abordam o tema da criança pequena e suas peculiaridades.

Educação Infantil: um espaço que entrelaça a educação e o cuidado

Segundo Didonet (2001) tudo o que hoje entendemos sobre educação infantil iniciou-se de maneira abrupta, pois quando as crianças deveriam estar ligadas ao seio materno, sendo acarinhadas e protegidas, foram separadas do mesmo por longo período diário. No entanto, por diversos fatores econômicos e políticos resultantes de um processo de desenvolvimento acelerado que não pensou a criança como ser integrante do mesmo, foi necessário que fossem encaminhadas às instituições que oferecessem o cuidado básico à sobrevivência.

As referências históricas da creche são unânimes em afirmar que ela foi criada para cuidar das crianças pequenas, cujas mães saíam para o trabalho. Está, portanto, historicamente vinculada ao trabalho extradomiciliar da mulher. (DIDONET, 2001, p. 12).

A entrada definitiva da mulher no mercado de trabalho determinou a criação de instituições que cuidassem da criança enquanto esta trabalhava. De acordo com Didonet (2001), as mesmas tiveram várias nomenclaturas diferentes, revelando sua função: na França denominava-se *garderie*; na Itália, *asili*; na Bélgica, *écoles gardiennes*. Até hoje, *guarderia* é a expressão usada em vários países latino-americanos para referir-se à Instituição que atende às crianças menores de três anos. “Guarda da criança” foi também no Brasil a expressão que traduziu essa intenção nos primórdios da constituição da creche como instituição.

Enquanto as mães saíam para trabalhar, o objetivo das primeiras Instituições da Europa era cuidar e proteger as crianças. Segundo Didonet (2001, p.12) “sua origem na sociedade ocidental baseia-se no trinômio: mulher-trabalho-criança”. Apenas no início, estas Instituições tiveram caráter assistencialista, cujo foco era a higiene, guarda, alimentação e cuidados físicos das crianças.

Até hoje a conexão desses três elementos determina grande parte da demanda, da organização administrativa e dos serviços da creche. A Revolução Industrial, no Século XVIII, na Europa, deu partida ao emprego da mão-de-obra feminina, provocando uma substancial alteração na forma

de cuidar e educar as crianças. Como os homens e as crianças também trabalhavam nas incipientes indústrias têxteis, os pequeninos ficavam em casa, sem alguém que cuidasse deles. (DIDONET, 2001, p.12).

Portanto, o que se pode concluir é que o trabalho da mulher, que passou a ingressar no mercado de trabalho de formas variadas e em setores diversificados, foi, sem dúvida, de alta relevância para a contribuição e criação das instituições que atendem as crianças pequenas.

Fatores como a desnutrição, o número significativo de acidentes domésticos e o grande índice de mortalidade infantil, fizeram com que alguns setores da sociedade, como educadores, empresários e religiosos pensassem um espaço para a criança fora do seio familiar.

Enquanto que as famílias mais abastadas pagavam uma babá, as pobres se viam na contingência de deixar os filhos sozinhos ou colocá-los numa instituição que deles cuidasse. Para os filhos das mulheres trabalhadoras, a creche tinha que ser de tempo integral; para os filhos de operárias de baixa renda tinha que ser gratuita ou cobrar muito pouco; ou para cuidar da criança enquanto a mãe estava trabalhando fora de casa, tinha que zelar pela saúde, ensinar hábitos de higiene e alimentar a criança. A educação permanecia assunto de família. Essa origem determinou a associação creche, criança pobre e o caráter assistencial da creche. (DIDONET, 2001, p.12).

É interessante destacar que desde o século XIII, já vinham sendo realizadas ações no sentido de atender às crianças das classes menos favorecidas na Europa, tendo em vista que entre os séculos XIII e XIV, certa situação de calamidade se instalava, por conta da fome e da peste, o que provocou um crescente abandono de crianças. Tal fato, fez com que a Igreja e as Monarquias criassem formas de atender as crianças expostas.

Foi criada então, nos muros das Santas Casas de Misericórdia, a roda dos expostos ou roda dos excluídos que consistia em um mecanismo, instalado nos muros das Instituições, utilizado para recebimento dos recém-nascidos abandonados, aquele que colocava a criança na roda dos expostos, não era visto por quem tinha colocado a mesma.

A prática que se espalhou rapidamente na Europa, chegou ao Brasil com a colonização e apesar de uma parte da sociedade ser contrária a esta prática, somente no século XX, já em meados de 1950 que efetivamente o Brasil a extinguiu.

Um dos primeiros passos para a institucionalização da creche no Brasil foi a Consolidação das Leis de Trabalho (CLT), de 1943, determinando que as empresas com mais de 30 mulheres trabalhadoras deveriam ter um lugar para *guarda* das crianças, a fim de poderem amamentar.

Já a década de 80 trouxe novos acontecimentos para o cenário nacional provocando grandes mudanças no reconhecimento da Educação Infantil, que para ser garantida como

direito na legislação, foi preciso quase um século, pois apenas com a Carta Constitucional de 1988 esse direito foi adquirido.

“[...] O dever do Estado para com a educação será efetivado mediante a garantia de oferta de creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade” (BRASIL/Constituição Federal, 1988, artigo 208, inciso IV).

Com o surgimento dessa Lei, as creches que eram ligadas à área de Assistência Social, ficaram sob responsabilidade da Educação. Desta forma ficou instituído que essas instituições não apenas cuidassem das crianças, mas que desenvolvessem um trabalho educacional. Importante registrar que apenas com a Constituição de 1988, que a criança de zero a cinco anos, foi concebida como sujeito de direitos.

Dois anos depois de ser aprovada a Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei 8.069/90 foi aprovado, ao regularizar o art.227 da Constituição Federal (1988), inseriu, as crianças como sujeito de direitos humanos. De acordo com o artigo 3º, a criança e o adolescente devem ter garantidos os direitos fundamentais ligado à pessoa humana, para desse modo, ter ingresso às oportunidades de “[...] desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade” (BRASIL/ECA, 1990, p.1).

Além da Constituição Federal de 1988, do Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, outra Lei que tem destaque é a Nova Lei de Diretrizes e Bases Nacional de 1996, que, ao cuidar da composição dos níveis escolares, incluiu a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica.

Art. 29¹. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

Em acordo com a legislação, dois anos após a LDB ser aprovada, em 1998 o Ministério da Educação publicou os documentos “Subsídios para o credenciamento e o funcionamento das instituições de Educação Infantil” (1998), que auxiliou a formulação de diretrizes e normas da educação da criança pequena em todo o país, e o “Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil” (1998), que tem como objetivo executar nos

¹ Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL/ NOVA LDB, 1996, redação original)

Centros de Educação Infantil práticas educativas de qualidade. O “Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI” serve como guia de reflexão educacional para os profissionais que trabalham com crianças de zero a cinco anos, com orientações didáticas, conteúdos e objetivos.

Dessa forma, nota-se um grande progresso no que diz respeito aos direitos da criança, visto que a Educação Infantil, além de ser considerada a primeira etapa da Educação Básica, mesmo não obrigatória, passa a ser um direito da criança, determinando condições apropriadas para o desenvolvimento do bem-estar infantil, como o desenvolvimento intelectual, social, físico, emocional e motor.

Segundo Didonet (2001), três importantes objetivos devem, necessariamente, favorecer essa nova modalidade educacional: o objetivo social, ligado à questão da mulher atuando na vida social, cultural, econômica e política; o objetivo educativo, organizado para proporcionar a construção de habilidades e novos conhecimentos da criança e o objetivo político, ligado à formação da cidadania infantil, em que por meio deste, a criança tem o direito de colaborar, de falar e de ouvir, de respeitar e ser respeitada pelos outros.

A construção de uma educação infantil como direito da criança, centrada em sua própria especificidade se espraia na redefinição do papel dessa instituição, dos profissionais que nela atuam, na definição dessa especificidade que marca esse trabalho. A ênfase no caráter pedagógico da Educação Infantil se materializa principalmente no embate cuidar/educar, ainda tão forte nas discussões no campo, é enfrentado de forma a superar a fronteira até então tão rígida, de que a pré-escola e a creche cuidam e a escola é que desenvolve o trabalho formal visando o desenvolvimento da criança a partir de uma perspectiva que enfatiza a ação da criança, sua condição de sujeito em interação com o seu tempo e espaço. (FRANGELLA, 2009, p. 8)

Portanto, uma relação indissociável entre o cuidar e o educar são indispensáveis ao desenvolvimento cognitivo, linguístico, afetivo e físico da criança, sendo imprescindível que as Instituições de Educação Infantil não separem as duas funções, não diferenciando os profissionais que trabalham com crianças pequenas dos que atuam com crianças de mais idade.

Nossa história nos mostra que existe uma dupla imagem do adulto que lida com crianças na instituição. A primeira imagem é a do “adulto maternal”, aquele que apenas “cuida” de crianças de 0 a 3 anos, do qual não se exigiu, por muito tempo, formação adequada. A outra imagem é a da profissional “professora”, formada para “ensinar” as crianças de 4 a 6 anos. Podemos dizer também que as concepções de criança e de Educação Infantil são as grandes estruturadoras da ação dos profissionais da Educação Infantil, pois de acordo com a maneira como concebem a criança é que eles planejam e desenvolvem o trabalho com ela. (AZEVEDO, 2007, p.174)

Na prática, sabemos que os profissionais que trabalham com crianças na Educação Infantil acabam sendo diferenciados, pelo fato de muitos ainda considerarem que quem tem formação normal deve apenas cuidar e quem tem nível superior somente educar, no entanto é importante que fique claro a todos que no cuidar também se educa. Interessante essa visão, quando durante tanto tempo, a professora formada no Normal era a responsável pela educação das crianças.

Sob essa perspectiva, os estudos de Vygotsky e de Wallon indicam a impossibilidade de pensar essas duas funções separadamente: os processos interativos, por mais empobrecidos que sejam sempre implicam produção de sentidos e afetam os sujeitos envolvidos na interação; independentemente do planejamento ou da ação intencional, um aprendizado sempre ocorre, mesmo nas práticas consideradas puramente de cuidado, realizadas de forma apressada, despersonalizada e mecânica.

Trabalhar com crianças da Educação infantil, deve ter como princípio conhecer a história de cada uma, sua família e as características de sua faixa etária, respeitando o tempo, a diversidade e a realidade de cada sujeito.

Desta forma o Educador deve estar em permanente observação, compreendendo que o espaço/tempo em que a criança vive, é fato que exige sua atenção, afetividade e estimulação permanente.

Podemos inferir que para cuidar é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro, com sua singularidade, ser solidário com suas necessidades, confiando em suas capacidades. Disso depende a construção de um vínculo entre quem cuida e quem é cuidado.

Segundo os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – RCNEI:

Educar significa propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. (BRASIL/RCNEI, 1998a, p. 23)

Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de auxiliar a formação de crianças felizes e saudáveis.

Cena 3:

A hora do banho é um momento de grande alegria e aprendizado para Caio (3 anos), do Maternal I. Enquanto realiza o banho, a Educadora

conversa com Paulo, brinca com as partes do corpo e com os hábitos de higiene. Em certo momento, Caio diz:

- *Tem que lavar o pescoço...*

E passa a mão ensaboada no pescoço, ao que a educadora responde:

- *Ahí é? Realmente, precisa lavar o pescoço, quem diz pra você lavar o pescoço?*

- *A minha mãe.*

- *E o que mais ela diz?...*

Dessa forma, a educadora estabelece uma relação entre o banho da escola e o de casa, transformando uma ação de simples cuidado em um momento significativo de aprendizado.

Nesta cena a Educadora a partir do cuidado e do diálogo estabelece uma relação que amplia os conhecimentos da criança, deixando clara a influência da cultura em seu processo de significação do mundo.

Interações na creche: o desenvolvimento infantil numa perspectiva sóciointeracionista

Cena 4 :

No horário da manhã, na turma de Maternal I (2 a 3 anos), com a participação de 19 crianças, a Professora realizou dentro da rodinha, uma dinâmica do abraço. Esta dinâmica foi fruto da necessidade de apresentar às crianças uma forma diferenciada de expressão.

Cada criança foi incentivada a abraçar e acarinhar o amiguinho do lado, de forma a perceber através deste toque, a importância de sentir o outro sem agressividade. A resposta das crianças que, em sua maioria sentiram-se à vontade, foi expressiva, exceto Paulo que não quis abraçar os amigos, de repente Bruna olha pra ele e fala:

- *Paulo abraça o amiguinho, para ele não te morder.*

A cena acima evidencia que não somente os pais e os professores se preocupam com a questão da mordida, mas que as crianças, principais atores da cena escolar, também fazem conjecturas sobre as atitudes dos colegas. Pensar a criança com essa capacidade reflexiva implica analisar suas ações a partir de uma perspectiva teórica que contemple a criança como sujeito do processo.

Escolhemos a perspectiva Vygotskiana para fazer esta reflexão, tendo em vista que além da preocupação com a questão do desenvolvimento da criança, Lev Vygotsky enfatiza em suas obras a importância dos processos de aprendizagem, a fim de que possamos entender o porquê da importância de atividades interativas que estimulem o convívio e aprendizagem coletiva.

Para Vygotsky (2002), ao nascer a criança possui apenas as funções psicológicas elementares, na convivência com o meio social e cultural vai aprendendo e conseqüentemente desenvolvendo as funções psicológicas superiores.

As funções psicológicas elementares são de origem biológica, sendo ações involuntárias (reflexas), reações imediatas (automáticas) que estão presentes nas crianças e nos animais, sofrendo influência do ambiente externo. Já as funções psicológicas superiores, são de origem social, estão presentes somente no homem, caracterizando-se pela intencionalidade das ações e interação entre fatores biológicos e sociais.

De acordo com a Teoria Sociointeracionista o desenvolvimento infantil é um processo dinâmico e interacionista, sendo na interação com o outro que acontece a aprendizagem e o desenvolvimento, isto é, a criança não é somente receptora de informações.

Através da interação com o mundo, a criança vai gradativamente apropriando-se da linguagem em suas relações com os objetos e com o outro, seja criança ou adulto, desenvolvendo a sensibilidade, a afetividade, o pensamento e a linguagem.

Ao lado de sua preocupação constante com a questão do desenvolvimento, Vygotsky enfatiza em sua obra a importância dos processos de aprendizado. Para ele, desde o nascimento da criança o aprendizado está relacionado ao desenvolvimento e é ‘um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas’. Existe um percurso de desenvolvimento, em parte definido pelo processo de maturação do organismo individual, pertencente à espécie humana, mas é o aprendizado que possibilita o despertar de processos internos de desenvolvimento que, não fosse o contato do indivíduo com certo ambiente cultural, não ocorreriam. (OLIVEIRA, 2010, p. 56)

Portanto, se a criança vive em um ambiente cultural isolado sem um sistema de escrita, esta criança jamais será alfabetizada, pois o desenvolvimento fica impedido de acontecer por falta de situações propícias para o aprendizado. Por isto, é importante o papel do outro no desenvolvimento do indivíduo.

As crianças podem imitar uma variedade de ações que vão muito além dos limites de suas próprias capacidades. Numa atividade coletiva ou sob a orientação dos adultos, usando a imitação, as crianças são capazes de fazer muito mais coisa. Este fato que parece ter pouco significado em si mesmo, é de fundamental importância na medida em que demanda uma alteração radical de toda doutrina que trata da relação entre aprendizado e desenvolvimento em crianças. (VYGOTSKY, 2002, p. 115)

Vygotsky considera que o outro age no que chama de “zona de desenvolvimento proximal”, que é o espaço entre o desenvolvimento real do sujeito, aquilo que já sabe realizar

sozinho, e o desenvolvimento potencial, aquilo que realiza com ajuda. Dessa forma, com a aprendizagem ao imitar o outro, o desenvolvimento é impulsionado e o que antes era apenas um potencial, torna-se real. Portanto, “[...] o bom aprendizado é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento.”(2002, p. 117)

Dentre as várias explicações que podem ser dadas para o ato de morder uma delas é pelo fato da criança estar ativa no seu contato com o mundo, em pleno desenvolvimento de sua sensibilidade, investigação e procura pela presença do outro. Desta forma quando ocorre a mordida, a mesma pode ser interpretada como sinal dessa procura.

Cena 5:

Talita, mãe de um bebê de 6 meses, conta para uma amiga no trabalho que esta fase é muito cansativa, pois diariamente lava e passa álcool em todos os brinquedinhos que são manuseados por seu filho, inclusive o tapete onde brinca, pois tudo o que está na frente dele vai ser levado a boca em algum momento. A amiga, fica surpreendida e exclama:

- Nossa, não é pra menos, que exagero!!!!

Desde que o bebê nasce, é pela boca que ele percebe o mundo. Não apenas pelo ato de sucção e das mamadas, mas pelo choro, pelo riso, pelo balbuciar. À medida que cresce e com o surgimento dos dentes, esse processo continua, e morder também passa a ser um meio de interagir com o mundo, de perceber a consistência de um objeto e também de provocar reações.

As crianças nesta fase ainda não verbalizam com fluência e a linguagem do corpo acaba sendo mais eficaz, a criança imagina que o mundo funciona e existe por causa dela, portanto, em sua concepção, tudo o que deseja deve ser prontamente atendido e, quando isso não acontece, gera os chamados "conflitos sociais".

Uma criança ao nascer traz em si uma duplicidade que jamais será inteiramente resolvida, pois ao mesmo tempo que ela é única e irrepitível do ponto de vista de se tratar de um indivíduo biológico, é ao mesmo tempo alguém que pertence a uma espécie, trazendo consigo as características, também biológicas, de todos os demais seres humanos. Apresenta-se assim o novo ser com essa dupla característica diante de um novo fato que pode ser entendido como a necessidade de se integrar ao meio social o qual foi introduzido. Esse sujeito biológico precisa se tornar uma pessoa social, o que vai lhe exigir um longo e complicado processo de socialização. (FERREIRA & THOMPSON, 2002, pág. 44)

O mundo sociocultural faz emergir a sensibilidade perceptiva da criança, dependendo do contexto sociocultural em que a criança se desenvolve, a mordida passa a ter diferentes significados.

Partindo desta perspectiva, o papel do educador é intermediar estes conhecimentos para que a criança aproprie-se de novas condutas, ainda que o ato de morder persista, ela perceberá através do coletivo, que o mesmo pode não ser o mais adequado, assim passará a explicitar de forma oral seus desejos e anseios, bem como, descarregará de outras formas suas tensões. Será atuando na zona de desenvolvimento proximal que o educador poderá auxiliar a criança em seu desenvolvimento, mediando sua relação com o mundo externo.

Caso os adultos considerem a mordida como agressividade, a criança se apropriará disso e morderá para agredir ou para se defender. A qualidade das interações pessoais constituídas no âmbito escolar e familiar precisa de cuidados especiais, isto é os cuidados com os aspectos emocionais devem ser redobrados, pois eles que constituem a criança.

Cena 6:

No ônibus encontra-se uma mãe com seus 2 filhos, um menino de 4 anos e uma menina de 1 ano e meio, os três estão sentados no banco preferencial perto do motorista, ao lado de uma senhora de uns 50 anos. A mãe lê na agenda que sua pequena foi mordida e começa a conversar com a menina sobre o ocorrido, imediatamente, a senhora sente-se na obrigação de intervir e começa a dizer para a menina que ela precisa morder o coleguinha, que sempre que for mordida precisa revidar, vira-se para a mãe e faz um verdadeiro discurso sobre o assunto.

Os adultos e educadores precisam refletir sobre a maneira como falam e fazem as coisas, o modo com que o adulto se dirige a criança para conversar ou estimulá-la acaba por constituir ou não a agressividade, sendo assim devem mostrar as crianças que a linguagem oral é a maneira adequada de se obter as coisas e não através de atitudes corporais.

Entretanto, é impossível controlar a qualidade das orientações que a criança irá receber, com certeza ocorrerão milhares de situações como a citada acima, na qual a criança ouvirá conselhos, mesmo que sejam contrários aos da mãe. Pensando com Vygotsky, o que podemos afirmar é que a mãe, após o ocorrido, através da linguagem, irá mediar as conjecturas que a criança, com certeza, começará a fazer. Será no diálogo que esta mãe possibilitará que seu filho interaja com os colegas sem se deixar ser mordido e sem precisar morder.

A mordida como expressão infantil

Nos primeiros anos da Educação Infantil, de zero a três anos, a mordida aparece como uma fase passageira, uma forma de expressão, pela qual as crianças expressam seus sentimentos e comunicam-se.

É um período em que ainda não dominam a linguagem com desenvoltura, como já foi dito anteriormente, então morder passa a ser uma manifestação corporal para demonstrar que algo não agrada. Ao morder um amigo, a criança não deseja agredir e sim chamar atenção de alguém ou conseguir algo de forma rápida.

[...] a linguagem é o instrumento e o suporte indispensável aos progressos do pensamento. Entre pensamento e linguagem existe uma relação de reciprocidade: a linguagem exprime o pensamento, ao mesmo tempo em que age como estruturadora do mesmo. Conferindo grande importância ao binômio pensamento-linguagem, Wallon elegeu, como objeto privilegiado de seu estudo sobre a inteligência, o pensamento discursivo (verbal). (GALVÃO, 1995, p. 77)

Em geral, até os dois anos, a criança ainda é impulsiva, tem um vocabulário insuficiente para explicar porque está irritada ou com ciúme e acaba optando pelo caminho mais curto, a mordida. Dentro deste contexto percebe-se que através da aquisição da linguagem, a criança muda a sua forma de se relacionar com o mundo, necessitando para tanto de diferentes estímulos.

Neste sentido para evitar as mordidas, é importante o educador oferecer situações em que estimule a desenvolvimento oral da criança como, por exemplo, a roda de conversa (rodinha) e a contação de história, isto é, procurar formas de controlar seus impulsos.

É muito grande o impacto da linguagem sobre o desenvolvimento do pensamento e da atividade global da criança. Com a posse desse instrumento, a criança deixa de reagir somente àquilo que se impõe concretamente a sua percepção; descolando-se das ocupações ou solicitações do instante presente, sua atividade passa a comportar adiamentos, reservas para o futuro, projetos. (GALVÃO, 1995, p. 76)

O educador pode mostrar, com exemplos diários, que através da fala, a criança pode obter aquilo que deseja, sem necessariamente precisar morder o amigo. Uma conversa tranquila, estabelecendo combinados com a criança e oferecendo atividades diversificadas que evitem os conflitos são alternativas que ajudam a criança.

Segundo Wallon (apud ROSSETTI-FERREIRA et al, 2004, p. 24), “[...] as atitudes do bebê tomam forma por meio da interação com o outro e do movimento deste, principalmente, quando esse outro completa e interpreta o bebê para o mundo e o mundo para ele”. Esse outro, geralmente, é a mãe ou o pai, embora outras pessoas possam assumir ou compartilhar esse lugar (avós, tios, irmãos, educadoras).

Embora as crianças explorem os objetos usando a boca, elas não aprendem a morder sozinhas, estas ações são aprendidas na relação com o outro, ou seja, adultos ou outras

crianças. Os adultos podem ser os pais, quando estes tem o hábito de dar “mordidinhas de brincadeira” na criança.

Cena 7:

Rafaela está trocando a fralda da filha, a criança tem tantas dobrinhas, é tão gostosinha, que a mãe não se contenta e acaba dando uma mordiscada no pezinho. Ao fazer isso percebe que se excedeu e resolve brincar de dar mordidinhas na criança, em várias partes do seu corpinho. Tal brincadeira vira um hábito, pois a filha se diverte muito com esta atitude.

Desta forma, observa-se que as mordidas podem ter várias interpretações que podem ser de ordem relacional, pessoal e contextual. Neste sentido precisa-se analisar cada caso individualmente para se obter uma resposta precisa sobre a causa desta atitude. “O estudo da criança exigiria o estudo dos meios onde ela se desenvolve. É impossível de outra forma determinar exatamente o que é devido a este e o que pertence ao seu desenvolvimento espontâneo”. (WALLON apud DANTAS, 1992, p. 189).

Assim como Vygotsky, os estudos de Wallon, considera que a sociedade, através das sucessivas experiências do sujeito no meio social, intervêm no desenvolvimento psíquico da criança, desta forma a emoção e a afetividade ocupam um lugar privilegiado em sua concepção psicogenética.

A emoção, segundo Dantas (1992, p. 85), baseado nas ideias de Wallon, é simultaneamente social e biológica em sua natureza, pois realiza a transição entre o estado orgânico do ser e a sua etapa cognitiva, racional, que só pode ser atingida através da mediação cultural e social.

Para Wallon (1975) o ser humano é organicamente social, isto é as pessoas constituem seu conhecimento e sua identidade nas relações sociais, pela mediação do outro. Wallon afirma que a criança é essencialmente emocional e se constitui em um ser cognitivo na relação com o outro através das relações sociais, como a imitação por exemplo.

A teoria de Wallon considera que o desenvolvimento do sujeito contempla seus aspectos afetivo, motor e cognitivo, estando totalmente relacionados ao meio em que a pessoa está imersa.

As primeiras etapas do desenvolvimento infantil que nos interessam neste artigo, a partir do recorte de faixa etária que fizemos, segundo Wallon são as seguintes:

- **Impulsivo emocional** – até os dois anos, predomina a afetividade. O bebê se diferencia do mundo pelo diálogo tônico, isto é a comunicação se dá pelo contato corporal, toques e gestos.

- **Sensório-motor projetivo** – entre dois e quatro anos. Nesta fase ocorre a interiorização do ato motor, a motricidade vai sendo inibida pelo ato mental.
- **Período do Personalismo** – por volta dos quatro anos. Caracteriza-se por um forte negativismo da criança, que diz não a tudo.

Podemos observar que o período em que as mordidas mais acontecem na creche, envolve o 1º e o 2º estágio delimitado por Wallon e constitui justamente o ato mental entrando em ação. Fato que confirma algo que já foi dito anteriormente neste trabalho, com Vygotsky, ao pensar o papel do educador como mediador. A linguagem terá papel fundamental nessa mediação para auxiliar o sujeito a inibir a motricidade pelo ato mental, inibindo o ato de morder.

Cena 8:

No horário da manhã, na turma de Maternal II (3 a 4 anos), com a participação de 21 crianças, a Professora realizou uma atividade de contação de história. A história contada com fantoches, contava a trajetória de um menino que adorava jogar bola com os amiguinhos. Porém, toda vez que era contrariado morde sem conversar. Esta atitude o afastava dos amigos e cada vez o tornava mais solitário. Um dia veio uma fadinha que lhe disse da importância dos amigos em nossa vida e de como a conversa era fundamental nas relações. Toda esta dinâmica da história foi construída a partir de situações do cotidiano das crianças, junto com eles.

Para Wallon (1975) é a afetividade, através da emoção que faz a ligação entre os sujeitos, e causa as primeiras representações, isto é, eu afeto o outro com as minhas ações assim como sou afetado por ele. Dentro desta perspectiva, a mordida caracteriza-se como uma forma de expressão infantil, muito mais ligada a exploração do ambiente e ao binômio ação/reação do que a agressividade.

A afetividade através da emoção, que é uma impressão corporal de um estado interno, que faz a comunicação, o intercâmbio entre os indivíduos, e provoca as primeiras representações, figurações e que adquirem consistência nos movimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos conhecimentos adquiridos com o processo da pesquisa, a mordida entre as crianças pode ser compreendida sob uma outra perspectiva que não a da agressividade, como é interpretada pela maioria das pessoas. Considerou-se que este comportamento está associado ao início da socialização do bebê, de forma alguma esta discussão encerra-se aqui,

sentiu-se a necessidade de aprofundar nas ideias de Winnicott, porém não foi possível contemplá-lo devidamente neste trabalho.

O estudo permitiu reunir elementos para repensar a prática pedagógica desenvolvida no interior das creches, ressaltando a importância de um olhar atento do educador ao sujeito que está sob seus cuidados, no sentido de mediar adequadamente suas ações, longe do sentido de controle e próximo ao sentido de cuidado através da educação. Dessa forma, consideramos que respondemos satisfatoriamente a questão que conduziu esta pesquisa: como o educador pode lidar com a mordida no cotidiano da creche? Tendo em vista que, se o Professor estiver atento e valorizar devidamente as relações eu-outro para o aprendizado do sujeito, refletindo e avaliando as situações, identificando os fatores responsáveis pelos conflitos que possam surgir, fica mais fácil compreender e lidar com a mordida na Educação Infantil. Cabe ao professor tomar posse de seu lugar como mediador das relações entre as crianças, considerando esta ação como uma ação pedagógica, interligando o cuidar e o educar, sem se sentir sobrecarregado. Nossa hipótese, então, foi confirmada e embasada teoricamente.

Muitos são os desafios a serem enfrentados para uma educação de qualidade, no entanto apontamos aqueles pontos que nos pareceram mais relevantes como: contextualizar a Educação Infantil, entendendo o histórico desta no Brasil e os profissionais envolvidos; relacionar a mordida e o desenvolvimento infantil dentro da perspectiva sócio-histórica, conhecendo a criança da Educação Infantil e suas necessidades; para, por fim, buscar reflexões sobre a prática que proporcionem o desenvolvimento global da criança.

Além nos desafios propostos no trabalho com os conteúdos ditos escolares, devemos pensar em muitos outros que contribuam para uma educação que respeite o desenvolvimento e o aprendizado da criança, reconhecendo que o espaço educativo além de incluir acolhimento e segurança, precisa provocar a curiosidade e a investigação, despertando a sensibilidade e auxiliando o desenvolvimento dos pequenos através de um processo interativo.

Reconhecidamente o processo de socialização é indispensável para que uma criança se desenvolva nos aspectos afetivo, cognitivo e cultural e o quanto é fundamental a interação do Educador com o Educando demonstrando valorização as peculiaridades dos pequenos sem homogeneizar o grupo, oferecendo meios e atividades que partam de seus anseios e favoreçam o desenvolvimento individual e suas relações sociais.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Heloisa Helena Oliveira de. *Implicações teórico-práticas do binômio cuidar-educar na formação de professores de Educação Infantil*. Revista Acadêmica: Olhar de Professor. Ponta Grossa. V. 10, N. 2, 2007. Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/issue/view/144/showToc>

Acesso em: 15 mar. 2016.

BRASIL. *Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças* Ministério da Educação e do Desporto. Brasília, DF: MEC/SEF/COEDI, 1995.

_____. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Ministério da Educação e Cultura Brasília, DF: MEC, 1996.

_____. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Volume 1. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF: EC/SEF, 1998a.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Subsídios para o credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil*. Coordenação Geral de Educação Infantil, v. 1 e 2. Brasília, DF: MEC/SEF/DPE/COEDI, 1998b.

DANTAS, H. *A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon*. In: LA TAILLE et al. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

DIDONET, Vital. *Creche: a que veio, para onde vai*. *Educação Infantil: a creche, um bom começo*. Em Aberto/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. v. 18, n.73. Brasília, 2001.

FRANGELLA, Rita de Cassia Prazeres. *Educação Infantil e a Institucionalização da Infância: entre a autonomia e a regulação*. In: Revista Teias, publicação eletrônica – ProPed /UERJ, ISSN 1518-5370 [impresso] • 1982-0305 [eletrônico], v.10, n.20. Infância, territórios e temporalidades. Rio de Janeiro: UERJ, 2009. Disponível em:

www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/download/453/395 Acesso em: 15 mar. 2016.

GALVÃO, Izabel. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LA TAILLE Yves de, OLIVEIRA Marta Kohl de & DANTAS Heloysa. *Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1982.

MAHONEY, Alvarenga Abigail (Org.); ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. *Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon*. São Paulo: Loyola, 2007.

OLIVEIRA, Marta Kohl. *Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 2010.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. de S.; SILVA, A. P. S. da; CARVALHO, A. M. (Orgs.). *A Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

VYGOTSKY, Lev. *A formação Social da Mente*. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

WALLON. H. *Psicologia e educação da infância*. Lisboa: Estampa, 1975.